



Depois de referir outros interessantes aspectos da vida do Conselheiro Afonso Pena e de recordar que, assumindo êle a direção da nova Escola e não obstante os compromissos do cargo de Presidente do Estado, "puzera-se na primeira trincheira e, dentro em pouco, estaria descendo as escadas de Palácio para dar aulas, no mesmo nível e com a mesma diligência dos mais zelosos mestres" —, o professor Mário Casasanta assegurou-nos que, entre os grandes serviços que o Conselheiro prestou ao Estado, "nenhum levaria vantagem a êsse de haver fundado uma Escola, em que pôs tôdas as suas complascências". Depois, o atual mestre de Constitucional continúa admitindo que a obra de Afonso Pena, resultado de sua imensa preocupação com o problema da formação humana, "deixou-nos um legado de homens que nos honram pela quantidade e pela qualidade".

Pois deixemos que o mestre de hoje fale do grande obreiro de ontem:

"Como fundador e diretor da nossa Faculdade de Direito, esforçava-se para que tudo decorresse dentro das claras linhas da ciência jurídica, já que Direito supõe ordenamento, normas, limites, senso de justiça e compreensão do valor do rito.

Como de outra forma se há de compreender uma escola destinada à formação de juristas?

Uma Faculdade de Direito, consoante a concebia Afonso Pena, tinha de ser, por sua própria organização e funcionamento, uma instituição retriz em que o regimento, o regulamento e as leis fôsem rigorosamente observados, pois não é de esperar que os moços que se preparam para o estudo e a aplicação das normas jurídicas alcancem essa difícil aprendizagem, fazendo tábula rasa das normas simples que configuram uma escola.

Com o seu propósito de seriedade e de juridicidade, Afonso Pena procurou cercar-se sempre dos mais ilustres espíritos de seu tempo e de seu meio, e, o que é mais, não lhes dava

descanso. Convocava-os constantemente, estimulava-os, abria-lhes oportunidades, obrigava-os a estudar e a produzir, indo ao extremo de assistir-lhes às aulas.

Entre êsses homens escolhidos, alguns devia haver que demandavam assistência mais atenta, porque de seu natural descuidados, e, por isso, exigiam não pequeno trabalho.

Era o caso de Camilo de Brito, bondoso velho de que ainda fomos aluno: era seu amigo de velha data, e tinha muitas condições para o ser, pela sua agudeza, graça e generosidade, mas era o que deveria ter sido como estudante, distraído e brincão, merecendo um tratamento de cabo curto.

Tendo sabido que Camilo não preparava devidamente as lições, Afonso Pena fê-lho sentir, prometendo-lhe uma visita próxima. Dito e feito. Poucos dias depois, Afonso Pena entra-lhe na sala, assiste à aula e, na intimidade e com a intimidade que tinham, lhe chamou a atenção para o descuido da preparação imediata.

— A sua aula não estava grande coisa, Camilo.

— E esta eu preparei!, lhe respondeu Camilo, com a graça de sempre, acrescentando, sem sinal algum de ressentimento: — imagine, Afonso, o que não serão as outras!

É possível que as coisas não se passassem totalmente assim, mas o que é fora de dúvida é que o Diretor regia mestres e alunos, com uma alta noção de sua tarefa.

Com êsse dom de selecionar valores, de aliciá-los, de agrupá-los e de estimulá-los, criou Afonso Pena uma verdadeira escola, e não é dos menores motivos de glória para esta geração o ter conseguido preservá-la, ao melhor de sua estrutura, porque ainda se sente dentro dela a presença dos ideais que nutriram a alma do Fundador.

Dai asseverarmos que o seu legado permanece, porque permanecem as matrizes de formação humana que compôs.”